

DECURSO

O PROCESSUAL NA ARTE

ALGA MENEGAT
ANDRÉ SEVERO
ANDRÉA HYGINO
BÁRBARA LARRUSCAHIM
DARKS MIRANDA
DESALI
DIONE VEIGA VIEIRA
FERNANDA FEDRIZZI

COORDENAÇÃO
MARINA CÂMARA
BÁRBARA BELLÉ
TAWANA ZAMPOL

HÉLIO FERVENZA
JÉSSICA BECKER
MARIA IVONE DOS SANTOS
MARINA ROMBALDI
NATALIA SCHUL
PAULO NAZARETH
TUANE EGGERS
ZARRO

CURADORIA TRILHAS
ARTÍSTICAS



DECURSO O processual na arte

Curadoria
Trilhas Artísticas 2025¹

Coordenação
Marina Câmara
Tawana Zampol
Bárbara Bellé

As pesquisas processuais dos dezesseis artistas de DECURSO dizem, segundo a compreensão das alunas e alunos da UFRGS que assinam a curadoria da exposição, da possibilidade da arte se dar no simples decorrer do tempo ou, se preferirmos, em qualquer contexto: “O museu é o mundo”, como diria Hélio Oiticica.

Ao longo do primeiro semestre de 2025, os alunos vinculados à disciplina que ofereço anualmente, Seminários de Tópicos Especiais em História, Teoria e Crítica da Arte, estudaram a Arte Processual, sua herança duchampiana e outros vínculos com a protocontemporaneidade para, então, reconhecerem tais características nas produções atuais de artistas nacionais. Em

seguida, apresentaram suas escolhas para a turma, chegando, por fim, aos trabalhos expostos em DECURSO, exposição que fica em cartaz de 04 a 27 de julho, na Casa Musgo².

Como parte dos conteúdos formativos oferecidos gratuitamente ao público em geral, o Projeto Extensão Trilhas Artísticas, que em 2025 chegou à sua 4a Edição, organizou também a mostra de Audiovisual “Ênfase no Processo”, na Cinemateca Capitólio, que aconteceu nos dias 20 e 27 de junho deste mesmo ano, ali exibindo vídeos de alguns dos artistas que também se apresentam na exposição, criando assim uma curadoria expandida em mais de um equipamento cultural da cidade.

Nega a criação e deixa para a ação o campo da linguagem.
Germano Celant, 1967.

Caminhar, deslocar-se, coletar, colecionar, compor, performar e realizar ações de outras naturezas são alguns dos principais modos como os artistas presentes em DECURSO operam. Os objetos, as gravuras, as proposições, os jogos, as instruções, as fotografias, as cerâmicas, os vídeos, a obra em técnica mista e as

instalações presentes na exposição são registros das execuções dessa lista de verbos – termos dados por Richard Serra³ a esse tipo de procedimento, ou seja, verbos no infinitivo cujas realizações daquilo que propõem terminam por gerar imagens ou formas e que são, sobretudo, imprevisíveis.

Seja no tecido urbano, ou em áreas verdes preservadas, na maioria das vezes a pé, mas também de carro, Alga Menegat, André Severo, Bárbara Larruscahim, Maria Ivone dos Santos, Marina Rombaldi, Paulo Nazareth, Tuane Eggers e zarro se valem das caminhadas (ou “andanças”, para falar com Nazareth) não como um meio desde o qual poderão recolher a matéria prima para, a partir daí, iniciarem a elaboração de trabalhos. Suas caminhadas são a obra. E o que vemos delas em DECURSO são alguns registros da infinidade de acontecimentos que se deram no decorrer de seus deslocamentos. Outras artistas, como Dione Veiga Vieira, Jéssica Becker e Natália Schul apresentam “arqueologias pessoais” (termo usado por Paula Ramos em texto de 2012 sobre o trabalho de Dione), ou arqueologias de si, realizadas por ações performáticas, ou por composições de

objetos pessoais arquivados ao longo da vida. Da pesquisa de si também lança mão Darks Miranda que, no entanto, une a esse processo de escavação do eu, indagações sobre o projeto de nação que foi forjado para o Brasil a partir, por exemplo, da estética amigável e exuberante. Da figura que a corporificou, Carmen Miranda, Darks toma emprestado o sobrenome, passando a experimentar processos de mistura entre seu corpo e frutas tropicais. Já no trabalho em técnica mista de Desali, Duplodildo, vemos uma figura supostamente antropomórfica construída com recortes de tintas secas usadas por ele em outros trabalhos. “O trabalho vem do trabalho”, para citar novamente Richard Serra. Desali se interessa pela rua enquanto resistência às condições fechadas, hierárquicas e elitistas das instituições de um modo geral, em especial as instituições de ensino, assunto tratado também por Andréa Hygino tanto na sua vídeoperformance, quanto nas xilos gravadas a partir de incisões feitas nas carteiras, por alunos.

Outro recurso identificado nos trabalhos aqui apresentados são as proposições, exploradas por Fernanda Fedrizzi, Hélio Fervenza e Paulo Nazareth, na forma de convites para que o público seja o

motor da ação-obra, abandonando as amarras da sua identidade fadada a corresponder eternamente à figura do observador⁴, do mesmo modo como a arte já se livrou, há pelo menos 70 anos, da primazia do objeto.

Sabemos que desde o advento da Arte Contemporânea, a regra em relação à arte é a dúvida. Nas palavras de Michel Archer: “depois de 1960 houve uma decomposição das certezas” que, no entanto, segue nos acompanhando. Precisáramos aceitar, assumir e convidar para conviver e trabalhar conosco, portanto, a contradição – como quis Frederico Moraes, com suas proposições experimentais no âmbito da Nova Crítica.

Arte Processo⁵ ou Antiforma, diz Michel Archer, são tão somente expressões alternativas àquela cunhada pelo crítico Roberto-Pincus-Witten, para “Pós-Minimalismo”. Para Archer, a noção de desmaterialização da arte, tal qual cunhada por Lucy Lippard, seria uma tentativa de fornecer uma chave de leitura daquelas tendências⁶ que até então não eram compreendidas (e certamente ainda hoje seguem gerando muitas dúvidas), já que tanto se

distanciam da “marcha adiante” que até então era a pedra de toque usada para o entendimento da arte moderna.

Vale a pena olharmos para a noção de processo a partir de uma visão crítica, já que eles são comumente entendidos como etapas as quais devem ser vencidas para que se alcance um/o fim. Tal qual no funcionamento das chamadas evoluções ou progressões, o processo é entendido como um meio para se atingir algo supostamente maior que, no caso da arte, seria a obra. No entanto, com a permeabilidade do binômio arte-vida, não faz mais sentido pensar que a arte só consegue se manifestar em situação de obra acabada. Ela se dará, sem pedir licença, em acontecimentos.

Mas o que está por trás dos discursos progressistas? A ideia do acúmulo – em detrimento da noção de perda, chamada, por sua vez, pelo filósofo Georges Bataille, de parte maldita. A perda é, conforme desenvolve Bataille, inerente a toda e qualquer atividade que, ainda que se proponha tão somente produtiva, desenvolvimentista e acumuladora, deverá em algum momento,

obrigatoriamente, ser perdida:

[...] a ideia de “um mundo pacífico e conforme a seu [do homem] modo de ver”, que seria ordenado pela necessidade primordial de adquirir, de produzir e de conservar, é apenas uma “ilusão cômoda”, quando o mundo em que vivemos está consagrado à perda e quando a própria sobrevivência das sociedades só é possível ao preço das despesas improdutivas [...].⁷

Georges Bataille, indicando que na natureza a destruição dos excessos – a ela inerentes – é o motor de todas as transformações do mundo, e que as tentativas de acumulação destes excedentes serão necessariamente frustradas, pois estes serão, obrigatoriamente, dilapidados de forma dispendiosa para que as transformações continuem a ocorrer, colocou-nos a seguinte questão:

a determinação geral da energia que percorre o domínio da vida é alterada pela atividade do homem? Ou esta, ao contrário, não é falseada, na intenção que se propõe, por uma determinação que ela ignora, negligencia e não pode mudar? [...] Um excedente deve ser dissipado por meio de operações deficitárias: a dissipação final não poderia deixar de realizar o movimento que anima a energia terrestre. [...] Na superfície do globo, para a matéria viva em geral, a energia está sempre em excesso, a questão está sempre colocada em termos de luxo, a escolha está limitada ao modo de dilapidação das riquezas. [...] esta [a energia

que anima o movimento global] não pode acumular-se sem limitação nas forças produtivas; enfim, como um rio no mar, ela deve escapar-nos e perder-se de nós.⁸

Os modos de perda dos acúmulos são diversos; entre eles estão, infelizmente, tanto as catástrofes quanto as guerras, essas cruelmente em vigência hoje.

Assumir que qualquer etapa que leve ou não à feitura de um objeto artístico é tão imprescindível quanto possíveis imagens ou formas “temporariamente finais” é advogar pela não hierarquia entre processo e objeto artístico, entre instituição de arte e quaisquer outros espaços, ampliando, assim, as possibilidades dos deslocamentos dos quais a arte é capaz, para além de sua forma supostamente acabada. A arte não só pode se manifestar, como o faz a todo instante, por meio de uma infinidade de formas – e de antiformas – perdendo-se, transformando-se e acontecendo.

Marina Câmara - Julho 2025

¹Amanda Kempf, Ana Júlia Breier, Anna Clara dos Santos Borsato, Bárbara Bellé, Betina Lima Inda, Bianca Caspary, Carolina Roitman Winck, Caroline Sant'anna, Caru Costa Brandi, Clarissa Nunes de Medeiros, Dandara Eli Conrad, Eduarda Fassina,

Ellie do Amaral Costa, Flora Pougy Guazzelli, Gabriela Dadda Bittencourt, Haruka Ikeda, Jon Ícaro Grimm Guedes, Lana Aura Cristovam Pires, Leonardo Bronizaki, Livia Padilha Alves, Luana Pagel de Mello, Luísa Cristine Karling, Luiza Esswein Larangeira Ferreira, Marcelo Chardosim, Maria Eduarda Ribeiro Nectoux, Marina Barão Berbigier, Marina Câmara, Mayan da Silva Gonçalves, Melissa dos Santos Ribeiro, Nicolas de Medeiros Nunes, Oliver Rospide, Rafael Bernardy, Tawana Zampol.

²O Projeto de Extensão Trilhas Artísticas não tem qualquer relação com possíveis comercializações das obras expostas que serão, caso haja, tratadas diretamente entre os artistas e os responsáveis pela Casa Musgo, a quem muito agradecemos por acolherem o projeto.

³SERRA, Richard apud ESPADA, Heloisa. Richard Serra. Escritos e entrevistas 1967 - 2013. Instituto Moreira Salles, 2014.

⁴Conforme já foi sugerido no início do século XX, pelos Ready Mades.

⁵A ideia de “processo” é um conceito que emerge a partir da terminologia crítica, com a mostra *Art in process: the Visual Development of a Structure*, que aconteceu entre 11 de maio e 30 de junho de 1966, no Finch College de Nova York, com curadoria de E.H. Varian. (Tradução nossa de CONTE, Lara, *Materia, corpo, azione, Ricerche processuali tra Europa e Stati Uniti* 1966-1970. 2010, p. 35).

⁶Ainda segundo Archer, as manifestações Arte Conceitual, Arte Povera, Arte Processual, Anti-forma, Land Art, Arte Ambiental, Body Art, Performance, Arte Política teriam derivado do Minimalismo e reagido à sua sua rigidez formal, tendo nele, nas derivações da Pop Art e no Novo realismo, suas raízes.

⁷BATAILLE, 1975, p. 16.

⁸BATAILLE, 1975, p. 59.





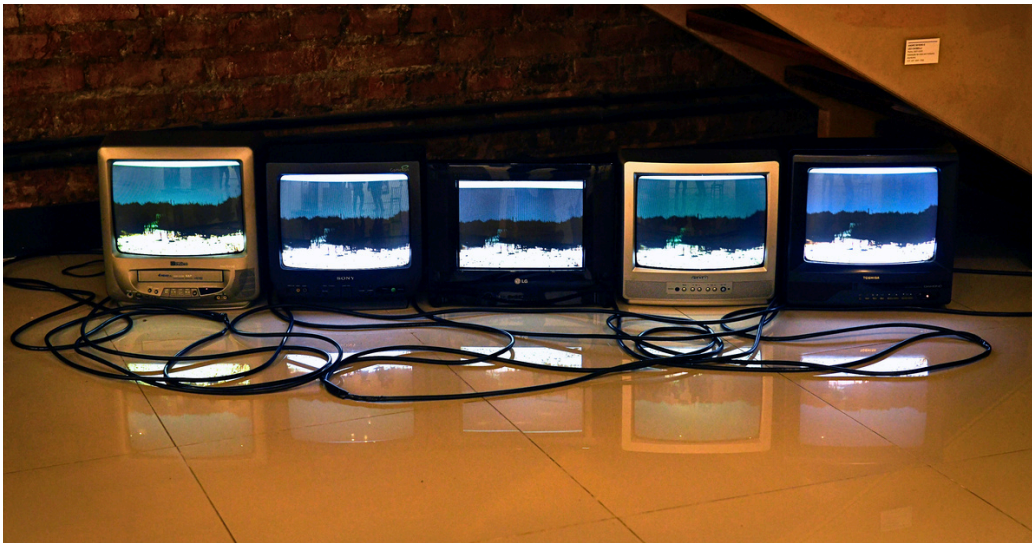
ALGA MENEGAT
CONJUNTO DE CERÂMICAS ESMALTADA QUEIMADA EM ALTA
TEMPERATURA / CERÂMICA ESMALTADA SOBRE DIFERENTES MINÉRIOS
COLETADOS



ALGA MENEGAT
SÉRIE "ONDE PULSA A FORMA" #1, #2 E #3, 2025
CERÂMICA ESMALTADA QUEIMADA EM ALTA TEMPERATURA
R\$ 600,00

ALGA MENEGAT
SÉRIE "ONDE PULSA A FORMA" #4 E #5, 2025
CERÂMICA ESMALTADA QUEIMADA EM ALTA TEMPERATURA
R\$ 800,00

ALGA MENEGAT
SEM TÍTULO I, 2024 SEM TÍTULO II, 2024 ESEM TÍTULO III, 2025
CERÂMICA ESMALTADA SOBRE DIFERENTES MINÉRIOS COLETADOS
R\$ 1.000,00



ANDRÉ SEVERO E LEO CAOPELLI
RUMO, 2001-2025
INSTALAÇÃO DE VÍDEO EM MÚLTIPLOS
MONITORES.
4:3 - COR - SOM - LOOP



ANDREA HYGINO
A CADEIRA, O LEVANTE, A GINGA, 2024
VIDEOPERFORMANCE
4'24"
COAUTORIA DE MESTRE COQUEIRO



ANDREA HYGINO
P.E. GRADES, 2013
SÉRIE PROVA DE ESTADO,
XILOGRAVURA
TINTA TIPOGRÁFICA S/ PAPEL CHINÊS
42 X 60 CM



ANDREA HYGINO
P.E. ZIGUE-ZAGUE, 2013
SÉRIE PROVA DE ESTADO,
XILOGRAVURA
TINTA TIPOGRÁFICA S/ PAPEL CHINÊS
42 X 60 CM



BÁRBARA LARRUSCAHIM
PONTOS DE VISTA DE TERRITÓRIO
COMPARTILHADO, 2021
VÍDEO
5'01"



DARKS MIRANDA
EQUILÍBRIO DE MAMÃO SOBRE A CABEÇA, 2018
VÍDEO EM LOOP
34'



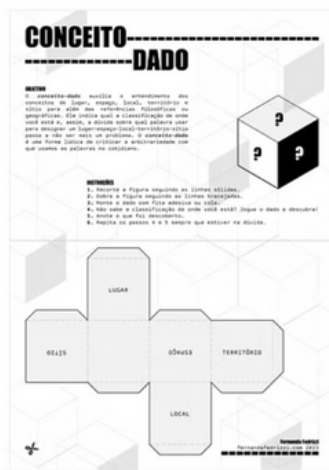
DESALI
DUPLODILDO, 2016
TÉCNICA MISTA. TINTA RECORTADA SOBRE TECIDO.
14 X 10 CM

ACERVO PARTICULAR



DIONE VEIGA VIEIRA
DO MAR PURPÚREO, 2012
FOTOGRAFIA EM CORES SOBRE PAPEL HAHNEMÜHLE ENHANCED MATTE PAPER 210G.
32 CM X 51 CM

R\$ 2.500,00



FERNANDA FEDRIZZI
CONCEITO DADO, 2023
IMPRESSO
21 X 29,7 CM

FERNANDA FEDRIZZI
TOPOFOBIA, 2023
IMPRESSOS A5



HÉLIO FERVENZA
TRAVELING: OUTRO, 2009
CAMISETAS SERIGRAFADAS, CAIXA DE EMBALAGEM E TEXTO IMPRESSO ADESIVADO
DIMENSÕES VARIADAS



Trilhas Sonoras
(Perímetro dos mercados)

Para Raquel Stoll

Proposta para ser realizada entre dois participantes, um deles em Porto Alegre e o outro em Florianópolis. Num primeiro momento, eles farão um percurso dando a volta em torno dos mercados públicos de suas respectivas cidades, registrando com um gravador as sonoridades encontradas ao longo desse caminho nas calçadas situadas imediatamente ao lado e em torno dos mercados. O ponto de partida será o mesmo do ponto de chegada. Os percursos serão realizados independentemente, mas o sentido em que eles serão feitos (sentido horário ou anti-horário), os dias da semana, horários, e pontos de partida serão estabelecidos em comum acordo. Posteriormente, os participantes trocarão as gravações e farão novamente os percursos dos perímetros, mas desta vez escutando através de fones de ouvido, a gravação feita pelo outro participante. Os sentidos, dias da semana e horários destes percursos serão os mesmos daqueles realizados quando dos registros sonoros.

Porto Alegre, 2007.

PROPOSIÇÃO

HÉLIO FERVENZA
TRILHAS SONORAS (PERÍMETROS DOS MERCADOS), 2007
PROPOSIÇÃO
A4

Telefone sem fim

Telefone sem fim. Você se lembra dessa brincadeira? Pois bem, nela os participantes colocam-se em fila, um ao lado do outro. O primeiro cria uma mensagem que ele transmite em voz baixa ao ouvido do seu vizinho. Este por sua vez a transmite ao seguinte, e assim por diante. Quando o último recebe a mensagem, ele diz em voz alta a frase que chegou através de todos os participantes, e o primeiro da fila diz aquela que foi enviada inicialmente.

Telefone sem fim baseia-se no jogo acima descrito e possui várias de suas características, mas também algumas diferenças. Neste, as mensagens são criadas coletivamente, e não há a necessidade de interromper a transmissão da mensagem, sendo que ela pode continuar a ser dita indefinidamente para outros participantes.

A proposta consiste então na formação de dois grupos, de preferência com o mesmo número de pessoas. Cada um dos grupos se reúne separadamente e cria uma frase que acredita ser importante e possível de ser transmitida, sem que o outro grupo tome conhecimento dela. Depois os dois grupos tornam a se encontrar num mesmo lugar, mantendo alguma distância. Os integrantes de cada grupo colocam-se em fila, um ao lado do outro. Na sequência, os dois primeiros de cada fila se encontram no espaço que separa os dois grupos. Esses participantes trocam as frases entre eles em voz baixa e ao ouvido. Depois voltam para os grupos e iniciam a transmissão da mensagem que receberam para o segundo da fila (dizendo-a da mesma maneira como anteriormente), que por sua vez a repete para o vizinho e assim por diante. Cada grupo então transmite a mensagem que o outro grupo criou. Quando o último de cada fila receber a mensagem, a frase não é pronunciada em voz alta, o grupo se dispersa, e cada um de seus integrantes pode transmiti-la indefinidamente para outros participantes fora do contexto inicial, informando-os desse processo. Estes por sua vez podem continuar a transmitir a mensagem indefinidamente para outros participantes, mantendo os mesmos procedimentos. Telefone sem fim

Porto Alegre, 2006.

PROPOSIÇÃO

HÉLIO FERVENZA
TELEFONE SEM FIM, 2006
PROPOSIÇÃO
A4



JÉSSICA BECKER
ESPERANDO JÉSSICA,
ESTAÇÃO INTERNACIONAL DE TREM
DE VALÊNCIA/ESPANHA, 2009
FOTOGRAFIA FINE ART
60 X 60 CM



JÉSSICA BECKER
ESPERANDO JÉSSICA,
AEROPORTO DE VALÊNCIA/ESPANHA, 2009
FOTOGRAFIA FINE ART
60 X 60 CM



JÉSSICA BECKER
ESPERANDO JÉSSICA,
ESTAÇÃO RODOVIÁRIA DE VALÊNCIA/ESPANHA, 2009
FOTOGRAFIA FINE ART
60 X 60 CM

R\$ 1.000,00 O CONJUNTO



JÉSSICA BECKER
 CONVERSAS ALHEIAS: PERDIDOS E ACHADOS EM MEIO URBANO, 2009
 VÍDEO
 3'27"



JÉSSICA BECKER
 DONDE PUEDO HABLAR MI PROPIO IDIOMA, 2009
 VÍDEO
 6'25"



MARINA ROMBALDI
ESTANDARTE, 2021
SÉRIE DERIVAS DO CORPO-COR AMORFO
FOTOGRAFIA
43 X 23 CM



MARINA ROMBALDI
INSTALAÇÃO, 2025
SÉRIE DERIVAS DO CORPO-COR AMORFO



MARIA IVONE DOS SANTOS
FRAÇÃO LOCALIZADA, 2004
VÍDEO
14'22"



NATÁLIA SCHUL
EXPERIMENTAÇÃO 2: EM PEDAÇOS, 2016
VIDEOPERFORMANCE
2'48"



NATÁLIA SCHUL
LIÇÃO 2: HANS BELLMER, 2016
VIDEOPERFORMANCE
2'59"



NATALIA SCHUL
SENSORIAL, 2022
VÍDEO
5'



PAULO NAZARETH
DOAÇÃO DE OBRA PARA IVETE, 2010
IMPRESSÃO SOBRE PAPEL JORNAL
21,3CM X 14,6CM

ACERVO PARTICULAR

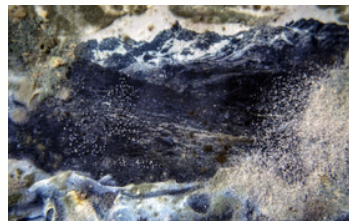
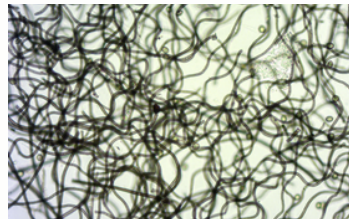


PAULO NAZARETH
COISAS DO MAR, 2008
VÍDEO
13'49"



TUANE EGGERS
ESTUDOS SOBRE FUNGOS & MONTANHAS, 2019-2021
FOTOGRAFIA EM COCRIAÇÃO COM FUNGOS, IMPRESSA EM PAPEL ALGODÃO.
90X60 CM

R\$ 1.700,00



TUANE EGGERS
ESTUDOS SOBRE FUNGOS & MONTANHAS, 2019-2021
FOTOGRAFIA EM COCRIAÇÃO COM FUNGOS, IMPRESSA EM PAPEL ALGODÃO.
IMAGEM OBTIDA POR MICROSCÓPIO,
COM A COLABORAÇÃO DA PESQUISADORA MELISSA PALÁCIO.

TUANE EGGERS
ESTUDOS SOBRE FUNGOS & MONTANHAS, 2019-2021
FOTOGRAFIA EM COCRIAÇÃO COM FUNGOS, IMPRESSA EM PAPEL ALGODÃO.
42X28 CM

R\$ 1.000,00 CONJUNTO COM AS DUAS FOTOGRAFIAS



ZARRO
COISÁRIO DO RIO, 2022 - ATUAL

ACERVO DA ARTISTA







CASA MUSGO

A Casa Musgo é um espaço cultural que busca, de forma independente, promover a arte e a criação autoral. Composta por galeria, loja e atelier, a casa tem como principal proposta aproximar a arte das pessoas, ser um espaço aberto ao público que possibilite conexões, impulsionando a construção de novas experiências e conhecimentos que instiguem a criatividade e a reflexão.



COPYRIGHT 2025

CASA MUSGO

DECURSO

ALGA MENEGAT
ANDRÉ SEVERO
ANDRÉA HYGINO
BÁRBARA LARRUSCAHIM
DARKS MIRANDA
DESALI
DIONE VEIGA VIEIRA
FERNANDA FEDRIZZI
HÉLIO FERVENZA
JÉSSICA BECKER
MARIA IVONE DOS SANTOS
MARINA ROMBALDI
NATALIA SCHUL
PAULO NAZARETH
TUANE EGGERS
ZARRO

CURADORIA: TRILHAS ARTÍSTICAS 2025

COORDENAÇÃO:

MARINA CÂMARA
BÁRBARA BELLÉ
TAWANA ZAMPOL

APOIO:



**ESPAÇO
FORÇA + LUZ**



REALIZAÇÃO:

**TRILHAS
ARTIS
TICAS**

**casa
musgo**

